



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**GEIZIANE RODRIGUES DA COSTA**

**ASPECTOS DA AUTONOMIA INFANTIL  
EM UM PAÍS CHAMADO INFÂNCIA**

**GUARABIRA-PB  
2018**

**GEIZIANE RODRIGUES DA COSTA**

**ASPECTOS DA AUTONOMIA INFANTIL EM *UM PAÍS CHAMADO INFÂNCIA***

Artigo apresentado como trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Letras, como requisito para à obtenção do grau de Licenciada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Suely da Costa

**GUARABIRA-PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837a Costa, Geiziane Rodrigues da.  
Aspectos da autonomia infantil em Um país chamado  
Infância. [manuscrito] / Geiziane Rodrigues da Costa. - 2018.  
27 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades ,  
2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Literatura infantil. 2. Relações sociais. 3. Autonomia. 4.  
Educação. I. Título  
21. ed. CDD 801.95

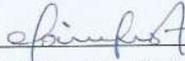
GEIZIANE RODRIGUES DA COSTA

ASPECTOS DA AUTONOMIA INFANTIL EM UMPAÍS CHAMADO INFÂNCIA

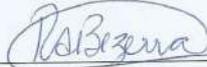
Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Estadual Da Paraíba para obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 30/11/18

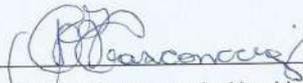
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação,  
companheirismo e amizade, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus e a minha padroeira Santa Terezinha do menino Jesus, por sempre me proteger e me dar coragem para enfrentar o dia-a-dia.

Aos meus pais Josinaldo Rodrigues e Geilza Rodrigues, aos meus irmãos Jackson Rodrigues e Geizilyane Rodrigues, meus avós Romildo Rodrigues, Maria de Lurdes e Lenira de Melo, às minhas amigas professoras Thaynnara Sena, Simone Siqueira e Valquíria Freire, e em especial a meu esposo Eriberto Couto por sempre se fazerem presente em minha vida.

A professora Orientadora Maria Suely da Costa pela paciência e dedicação.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“É decidindo que se aprende a decidir”

Paulo Freire

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 o leitor e o gênero crônica.....</b>	<b>12</b>
2.2 A personagem infantil e sua autonomia.....	15
2.3 “momentos inesquecíveis” de um país chamado infância.....	17
2.3.1 Importância do dente.....	17
2.3.2 Primeiro conflito.....	18
2.3.3 Pai participativo.....	20
2.3.4 Poder da leitura.....	21
2.3.5 Diálogo.....	21
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## ASPECTOS DA AUTONOMIA INFANTIL EM *UM PAÍS CHAMADO INFÂNCIA*

### RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura sobre a representação da criança na literatura, mas especificamente relativa a aspectos da autonomia da criança presente nas tramas de cinco primeiras crônicas da *segunda seção* “momentos inesquecíveis”, do livro *Um país chamado infância*, de Moacyr Scliar, publicado em 1989. O objetivo está em analisar como a personagem infantil é representada durante as narrativas, levando em consideração os sentimentos afetivos e os conflitos que interferem no contexto escolar e na relação familiar, especialmente, entre pai e filho. Este é um estudo de natureza analítico-interpretativo do texto literário cuja fundamentação bibliográfica conta com autores como Piaget (1978), Nogueira e Pilão (1998), Zilberman (1998, 1987, 1985) Benjamin, (1984) dentre outros. Verificamos o discurso de que, na infância, os sujeitos pelem automaticamente por uma liberdade, independência e autonomia. Assim, a leitura das crônicas em torno da representação da infância acaba por pautar a reflexão referente a certas questões no que diz respeito à formação social do indivíduo. Refletir sobre tal representação contribuir para que identifiquemos a literatura sob uma ótica mais contextualizada, transformadora, comprometida uma ação educativa.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Relações sociais. Autonomia. Educação

### 1 Introdução

O presente trabalho parte do princípio de que a literatura pode ser um campo importante para se retratar a respeito de questões relativas ao desenvolvimento da autonomia infantil. Isso porque por autonomia entende-se uma relação emancipada, íntegra, com as mais variadas dimensões da vida, o que envolve aspectos intelectuais, morais, afetivos, sociais, políticos, entre outros, aspectos estes também movimentados pela literatura.

A infância é vista como categoria da história humana e isso abriu um campo de apoio à criança na área das políticas públicas, que a reconhecem como sujeito de direitos e que, portanto, possui direito à autonomia e a valorização de sua singularidade e individualidade, entre outros. A autonomia na criança é construída a partir de atividades que possibilitem a ela entender a sua realidade por meio das experiências, exercitar sua capacidade de tomar decisões, de dialogar, de perceber-se como ser ativo nos processos de aprendizagem, de explorar a diversidade de coisas que existe a sua volta construindo seu conhecimento de mundo.

Sendo assim, este estudo está direcionado a fazer uma leitura das relações sociais que o personagem infantil estabelece na família e na escola através da

análise da narrativa das crônicas do livro *“Um país chamado Infância”*, especificamente, das cinco primeiras narrativas da *segunda seção* “momentos inesquecíveis” da referida obra.

Nosso objetivo é analisar como a personagem infanto-juvenil é apresentada durante as narrativas, levando em consideração os sentimentos afetivos e os conflitos que interferem no contexto escolar e também na relação familiar, especialmente, entre pai e filho. Em função disso, verificar que este material possibilita a reflexão acerca dos problemas sociais, sobretudo, àqueles ligados às fases da infância. Neste sentido, o estudo se justifica por entender que textos literários, que abordam tais relações, podem ser utilizados em sala de aula, direcionado, principalmente para o público juvenil, de modo que o debate proporcione uma melhor compreensão da realidade infantil, e ajudando-lhes a, no futuro, lidarem com seus filhos.

A escolha da obra *“Um país chamado Infância”* se dá pelo fato da mesma apresentar como tema questões em torno do desenvolvimento da autonomia na infância; temática que merece importância e que, de tal maneira, deve ser objeto de leitura e discussão, sobretudo no contexto escolar, a fim de que enriqueça as reflexões a cerca da importância da liberdade, da independência e da autonomia, uma vez que esses valores não podem ser restringidos à criança. O debate, portanto, servirá para uma melhor compreensão da fase infantil, espera-se que a criança tenha sua liberdade respeitada, conseguindo gradualmente sua autonomia.

Em seus estudos, Walter Benjamin aponta a experiência como um problema oriundo do conflito geracional, uma crítica aos adultos que subestimam a capacidade da juventude, e também das crianças, no intercambiar das próprias experiências. No texto *Jogos e brinquedos*, de 1928, Benjamin (1984) nos apresenta uma precisa diferenciação entre a experiência dos(as) mais velhos(as) e a dos(as) pequenos(as). Enquanto o adulto descreve sua experiência, a criança se fundamenta na repetição típica da brincadeira e dos jogos como forma de elaboração de suas experiências. Segundo o autor, “a essência do brincar não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre de novo’. Transformação da experiência mais comovente, em hábito”. (BENJAMIN, 1984, p. 75).

Este trabalho se caracteriza, pois, por ser um estudo de natureza analítico-interpretativo do texto literário cuja fundamentação bibliográfica conta com autores

como Piaget (1978), Nogueira e Pilão (1998), Zilberman (1998, 1987, 1985) Benjamin (1984) dentre outros.

## 2 A literatura infanto-juvenil

Estudos mostram que só podemos falar em literatura infanto-juvenil a partir do momento em que as crianças, antes consideradas adultos em miniatura, passam a ser vistas com características próprias e que, agora, precisavam de cuidados especiais e atendimento exclusivo. Desde então, pensou-se numa literatura voltada à infância.

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN. 1985, p.13)

As crianças, no século XVII, eram percebidas como seres semelhantes aos adultos, uma vez que usavam os mesmos tipos de roupas, frequentavam os mesmos ambientes e etc. Essa concepção muda no século seguinte, quando a criança é analisada de forma individualizada, recebendo uma educação diferenciada, conforme sua faixa etária, com intuito de prepará-la para a vida.

A literatura direcionada ao público infantil teve sua origem na Europa no século XVII, como consequência de algumas transformações sociais. A França foi o berço do seu surgimento, que teve nomes como Charles Perrault como um dos principais precursores desse gênero literário. Ele é responsável por obras que ficaram marcadas no tempo, como *Chapeuzinho vermelho*, *A Bela Adormecida*, *Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *O Pequeno Polegar*. Depois de Perrault, outros escritores ganharam relevância, tais como Anderson, Collod, Irmãos Grimm, Lewis Carroll, entre outros.

No contexto brasileiro, as obras de Monteiro Lobato foram importantes para a valorização da literatura infantil. Elas versam sobre variados temas, como a família, a aventura, o lúdico, a política entre outros. A literatura destinada ao público infantil e juvenil proporciona o contato direto com os mais diversos assuntos, ajudando-os nos seus respectivos desenvolvimento social, cognitivo e emocional, ou seja, este gênero literário é parte essencial na formação social de crianças e adolescente.

Já a literatura juvenil é um fenômeno mais recente, até porque havia certas dúvidas com relação à noção da adolescência, que só foi definida no começo do século XX. Santos explica (SANTOS Apud CART. 2015, p.122):

Os membros da nova parcela da sociedade foram vistas basicamente como crianças até os anos de 1930, sendo essa a década em que começaram a ser comercializados livros com esse público em mente, coincidindo com a emergência da cultura jovem.

Santos (2015) ainda cita obras de Cart e Trites para falar que a literatura juvenil só iria se estabelecer de fato no pós-Segunda Guerra Mundial e apenas no final dos anos 60 é que passaria a ser considerado como um gênero literário.

A literatura é um meio pelo qual o homem expressa seus pensamentos. É através dela que conhecemos nossa própria história. Podemos defini-la como um conjunto de obras que nos ensina os princípios da ciência e da arte, fazendo uso da palavra como forma de expressão da beleza. Entendo que também é um rico instrumento para entendermos melhor a realidade que vivemos, é uma fonte de conhecimento que fornece um importante auxílio ao professor em suas aulas, pois podem ser abordados temas diversos, dentre outros, as questões de cunho social, ideológico e linguístico de determinadas épocas.

## **2.1 O leitor e o gênero crônica**

Segundo Zilberman (1987), a literatura transmite, resumidamente, a realidade que é semelhante à de quem ler, pois, ao interagir com a literatura, o leitor se permite extrair algum conhecimento para sua vida. Neste sentido, Cunha (1989) também fala que o autor, ao escrever uma obra de arte literária, transmite a realidade mesclando com o emocional, imaginativo, e não simplesmente usando o discurso racional, científico.

As crianças, conforme Paiva (2008), ainda muito cedo percebem os códigos escritos, embora não consiga interpretá-los. No decorrer do tempo, elas vão conseguindo compreender seus significados. O autor afirma;

A literatura infantil pode contribuir de forma decisiva para formação do futuro leitor, especialmente o leitor literário que poderá apreciar, a qualquer momento e ao longo de sua vida, a literatura com "L" maiúsculo, desfrutando assim, da experiência estética proporcionada por essas manifestações artística. (PAIVA, 2008, p.36)

A leitura é fundamental para a formação do indivíduo, para que o mesmo seja capaz de analisar o mundo a sua volta, de forma crítica; tornando-o sensível aos problemas sociais. Conforme Vieira (2004, p.02):

A aprendizagem da leitura está intimamente relacionada ao processo de formação geral de um indivíduo e à sua capacitação para as práticas sociais, tais como: a atuação política, econômica e cultural, além do convívio em sociedade, seja na família, nas relações de trabalho dentre outros espaços ligados à vida do cidadão.

Desta forma, os pais tem grande influência na formação do leitor. É a partir dos estímulos familiares que a criança aprende a gostar da leitura. Viera (2004), explica que “O leitor formado na família tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar à escola”. Ao iniciar a leitura no ambiente familiar, a criança demonstrará maior facilidade de compreensão do mundo no qual está inserido.

Assim, inserir a criança no ambiente de leitura é fundamental, pois ali pode se tornar um ótimo exercício para que descubram a autonomia na hora em que escolhem um livro de seu interesse e para reforçar ainda mais o gosto pelo universo da leitura. Segundo Paiva (2008, p. 36):

A Literatura Infantil pode contribuir de forma decisiva para a formação do futuro leitor; especialmente o leitor literário que poderá apreciar, a qualquer momento e ao longo de sua vida, a Literatura, com “L” maiúsculo, desfrutando, assim, da experiência estética proporcionada por essa manifestação artística.

A mobilização cognitiva que se estabelece quando se dialoga com a criança e se instiga à formulação de suas próprias ideias em relação ao que está sendo apreciado é fundamental. De acordo com Machado (2008, p.112):

Podemos dizer que ‘ver’ e ‘ler’ participam de uma experiência de compreensão do texto e mais do que isso de compreensão de como a língua escrita e o universo de outros sinais e desenhos em relação com ela – muito presentes nos livros de literatura – buscam representar o mundo. Na infância, ainda há que se considerar, o aprendizado do sistema de representação da língua escrita constitui um elo a mais nas relações da criança com o outro. Aprendizado que percorre caminhos que não dizem respeito apenas à “decifração da escrita”. Ao abrir um livro, aquele leitor ainda não muito familiarizado com a leitura página a página identificará diferentes elementos que se apresentam a ele como potenciais portadores de sentido.

A literatura infantil contribui significativamente para a formação da criança, pois a leitura não é apenas um veículo de entretenimento, gerador da imaginação, fantasia, mais é também um instrumento que desenvolve o senso crítico, tornando a criança um sujeito capaz de compreender a realidade que está inserida. “A literatura

infantil é um recurso fundamental e significativo, para a formação do sujeito, de um leitor crítico e ainda pode desenvolver os valores morais” (MALLMANN, 2011, P. 14).

As crianças pequenas também são humanas, sujeitos históricos, e, portanto protagonistas de sua própria história. Não deve o adulto aniquilá-la e somente preenchê-la com seus conhecimentos. Mas, visando o desenvolvimento da autonomia precisa estar consciente de que:

[...] o trabalho a ser realizado com essa faixa etária deve tomar a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os ampliar, por meio de atividades que tenham significado concreto para a vida das crianças e que, concomitantemente, assegurem a aquisição de novos conhecimentos, bem como cumpram sua função de educar e cuidar (MARAFON, 2012, p. 128).

Considerando os gêneros literários, com relação à crônica, é possível constatar que é um gênero muito próximo da realidade do leitor, porque seu formato é mais curto, é escrito numa linguagem informal, com temas do cotidiano. Porém, embora entendemos que se trata de uma linguagem simples e clara, em comparação a outros gêneros, a crônica carrega consigo elementos ricos em ideias, com dubiedade de interpretações, logo, características de natureza literária “que não a simples expressão de uma dor-de-cotovelo, mas acima de tudo um repensar pelas vias da emoção aliada à natureza”. (SÁ, 1992, p. 13)

A crônica é uma das diversas modalidades do gênero narrativo. Segundo Massaud Moisés, a crônica inicialmente designava:

[...] Uma listagem de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, uma sequência cronológica. Limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-las [...] (MOISÉS, 2004. p. 110).

Em comparação com outros gêneros narrativos, a crônica ocupou, historicamente, um lugar secundário na literatura. Esse desprestígio se deve, para alguns críticos, ao seu tamanho, tendo em vista que ele é o menor dos gêneros. Há também aqueles que não a consideram como literatura, mas sim, como um registro jornalístico. Para Moisés (1984), a crônica é a união do jornalismo com a literatura, uma vez que relata fatos do cotidiano de forma criativa, aguçando a fantasia. A crônica ganha espaço na literatura à medida que o escritor/cronista passa a falar sobre a vida, representá-la no texto, recriando a realidade e fazendo com que o leitor reflita sobre as questões sociais, diferentemente doutras épocas, quando o escritor limitava-se apenas a escrever acontecimentos do dia-a-dia.

Dentre algumas crônicas definida por Candido (1992), está a do tipo narrativa, a qual está mais próxima do canto; são histórias curtas com diálogos ágeis, com final imprevisto e surpreendente, possui a ação, tempo e espaço, personagens e situações ficcionais.

No livro de crônicas *Um país chamado infância*, têm-se narrativas que revelam problemas na relação entre a criança e o adulto, especificamente de pais e filhos. Contudo, embora retrate o comportamento infantil, o texto exatamente não se direciona para tal público, levando em consideração a formalidade da língua.

“Momentos inesquecíveis” descrito nas crônicas de Scliar mostram como o próprio título da seção sugere momentos marcantes. Com humor e realismo, o escritor relata os acontecimentos da vida familiar de maneira simples e natural, situando a obra na linha contemporânea.

O médico, professor e um dos escritores mais populares da literatura brasileira, Moacyr Jaime Scliar, nasceu no dia 23 de março de 1937. A maior parte de suas obras é direcionada para o público infanto-juvenil. O livro de crônicas *um país chamado infância* foi publicado em 1989 e narra o dia-a-dia da relação do pai com o filho.

Moacyr Scliar é um autor contemporâneo, e suas crônicas representam a vida humana, que têm como características uma multiplicidade de temas, as quais são construção da inspiração de sua realidade. Embora com marcas de subjetividade, a forma simples como escrevia confunde com um bate-papo informal com o leitor.

## **2.2 A personagem infantil e sua autonomia**

A representação da infância foi construída no decorrer do tempo. A criança sempre esteve atrelada à imagem do adulto. Se atentarmos para história, veremos que a mesma era considerada um adulto em miniatura. Hoje, apesar de termos consciência da importância desta fase, há uma má compreensão da realidade da criança, a qual muitas vezes tem sua autonomia restringida, resultado em grande parte dessa visão protecionista dos pais.

O dicionário de filosofia Abbagnano (1982) fala que Kant foi quem introduziu o termo autonomia para indicar a independência da vontade em relação a todo sujeito ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a da razão.

Por sua vez, Walter Benjamin adota em seus textos uma postura reflexiva em relação à criança e à sua educação. Em *Brinquedos e jogos: observações sobre uma obra monumental*, ele defende que “o mundo da percepção infantil está marcado, por toda parte, pelos vestígios da geração mais velha, com os quais a criança se defronta” (BENJAMIN, 1984, p. 72). O autor defende ainda que as crianças elaboram uma forma simbólica de relação com o mundo que lhes é próprio, embora em relação direta com a cultura adulta.

Jean Piaget (1978) é um dos autores que discute a questão do desenvolvimento da autonomia infantil. Para ele, a autonomia não pode ser confundida com isolamento, capacidade de a criança aprender sozinha; pelo contrário, o surgimento do pensamento autônomo está ligado à capacidade do indivíduo de estabelecer relações cooperativas. A criança, portanto, deve estar inserida num universo natural de relações sociais, agindo cooperativamente no sentido de construir sua autonomia. Segundo Piaget (1978, p. 95). “[...] as relações da criança com os indivíduos dos quais ela depende serão, portanto, propriamente falando formadoras, e não se limitarão como geralmente se acredita, a exercer influências mais ou menos profundas.”

Para Benjamin (1984), os adultos costumam subestimar a experiência de jovens e crianças. Nas palavras do autor: A máscara do adulto chama-se “experiência”... Ele sorri com ares de superioridade... de antemão ele já desvalorizava os anos que vivemos, converte-os em época de doces devaneios pueris, em enlevação infantil que precede a longa sobriedade da vida séria (BENJAMIM, 1984, p. 23). Assim, na visão dos adultos, quanto mais jovem é o sujeito, mais desmerecida é a qualidade da experiência de suas vivências. Entretanto, o autor demonstra clareza de que os anseios e os interesses das crianças e dos jovens são distintos daqueles que norteiam a maturidade.

Considerando isso, a partir do momento que a criança se desenvolve, ela deve construir gradual e automaticamente sua autonomia. Nogueira e Pilão (1998) explica que é natural que as crianças desenvolvam sua autonomia gradativamente; espera-se que a partir do seu crescimento ela consiga cada vez mais ser independente, ou seja, menos governada pelos outros, de modo que a experiência das crianças é fortemente determinada pela continuidade. Isso porque a experiência infantil marcada por um misto de complexidade e sutileza obedece ao princípio da continuidade tal como apontado por Benjamin (1984)

### 2.3 “Momentos inesquecíveis” de *Um país chamado infância*

Vejamos como a representação da infância é posta nas crônicas da segunda seção do livro *Um país chamado infância*, intitulada como “Momentos inesquecíveis”. Estas abordam temas do cotidiano de pais e filhos. A seção tem histórias que ficaram marcadas na memória do narrador: o surgimento do primeiro dente, que gera grande expectativa à família e, principalmente, ao pai; o início dos conflitos familiares, quando o narrador conta a resistência da criança para não se alimentar; a presença paterna na vida escolar do menino, como forma de estímulo para o desenvolvimento da autonomia; a leitura como instrumento de promoção de um ser ativo, que age diante da realidade em que vive; a importância do diálogo na relação entre pai e filho.

As cinco crônicas são relatos do pai, que é o narrador-personagem, lembrando os “momentos inesquecíveis” que teve com seu filho. As narrativas obedecem a uma ordem cronológica, na qual a criança passa, naturalmente, pelo processo de maturação.

#### 2.3.1 Importância do dente

Na primeira crônica intitulada “O primeiro dente”, o narrador fala da importância do aparecimento do primeiro dente na criança, quando narra: “quem não é pai não entende muito este tipo de celebração: afinal, que importância tem um dente?” (SCLIAR, 1995, P.37). Esta fase gera toda uma preocupação dos pais em relação à criança, pois é um período infantil de grande fragilidade e que necessita de todos os cuidados. O surgimento dos dentes é a certeza da fase da transformação da criança:

Não sabe o bebê que suas gengivas um dia talvez, na velhice, se tornem lisas de novo; que este dente, tão perturbador, talvez um dia venha ser lembrado com melancolia. O bebê não sabe destas coisas, e é bom que não saiba; o fato de que o futuro é uma incógnita nos ajuda a viver. (SCLIAR, 1995, p.37)

Nesta crônica, é apresentada a fase de fragilidade da criança: um ser muito dependente dos pais, puramente inocente, sem capacidade de raciocínio. Nos anos iniciais da infância que são estabelecidos os vínculos afetivos. Momento em que a relação familiar é mais intensa, dessa forma os pais exercem enorme influência sobre seus filhos, de modo que estes repetem ou imitam o que aqueles fazem.

Esta fase da infância exige cuidado especial, até mesmo excessivo por parte da família. A criança, reconhecida por sua vulnerabilidade, tem suas ações totalmente controlada pelos adultos. É um momento de empoderamento paterno. Observar que a superproteção impede que a criança desenvolva recursos internos para lidar com a vida e os obstáculos que esta impõe a todos. Com efeito, o que pretendia proteger, termina por desproteger, pois torna a criança incapaz de administrar as situações com que inevitavelmente irá se deparar com o passar do tempo.

De forma oposta, o texto narrativo acaba chamando a atenção para a importância de se verificar a necessidade de uma educação voltada para a autonomia. Por meio da educação, conforme Freire (1996), que o homem encontra sua autonomia, emancipa-se. Para o autor, o diálogo que se constrói no ambiente educativo, onde educador e educando ensinam e aprendem mutuamente, é um instrumento relevante para o desenvolvimento da autonomia.

Portanto, não pode ser considerado como resultado de uma construção natural, pois depende de fatores externos ao indivíduo como ambientes que valorizem as relações interpessoais de forma democrática em detrimento das relações autoritárias.

Segundo o narrador o dente “tem importância. Tem importância sim. Quando mais não seja, pela fonte de ansiedade que representa para os pais a espera deste primeiro dente. [...] Sim, um dente tem uma importância simbólica muito grande”. (SCLIAR, 1995, p. 37) O narrador enfatiza a importância do surgimento do primeiro dente, pois não significa apenas o fato dele ter aparecido. O dente, nessa fase da infância, simboliza a autonomia da criança para se alimentar, ou seja, a partir desse momento a criança desprende-se um pouco dos pais, uma vez que não dependerá apenas do leite materno. Agora ela aprenderá a morder, sendo, portanto, o início do processo de construção de sua autonomia.

### **2.3.2 Primeiro Conflito**

Em “O guri não quer comer”, é apresentada uma criança que não tem tanta dependência dos pais, comparada a primeira crônica. Entretanto, os pais insistem em ter domínio sobre as ações do filho, não compreendem a nova fase da criança, a qual luta, mesmo inocentemente, por sua autonomia quando se nega a receber comida dos pais.

É uma etapa de grande persistência dos pais e de muita resistência da criança, que travam uma luta, uma “queda de braço”, que acaba naturalmente em paz, uma vez que o menino volta a comer. Assim, verificamos que a má compreensão em relação a esta fase da infância é um obstáculo para a construção da autonomia alimentar. Por outro lado, esta autonomia não significa permitir que a criança possa comer o que quiser, mas aceitar e incentivar que a mesma desenvolva sua capacidade autônoma.

A surpreendente decisão da criança, de mais ou menos um ano e meio, que sempre comeu de tudo e, de repente, deixa de fazer, supõe-se, uma das coisas que mais gosta (comer), deixa os pais muito confusos e preocupados, pois os mesmos não sabem lidar com tal situação. A melhor forma que encontraram para solucionar o problema foi enfrentar diretamente a criança. O narrador lembra que:

Sua primeira reação é de irritação. Ah, não quer comida? Pois então não vai ganhar comida. Vai dormir de barriga vazia. Se a questão é de medir forças, você ruma, indignado, então vamos ver quem é mais forte. [...] Sim, você dará uma lição ao garoto. Uma lição que ele não esquecerá. Que fará dele um homem. E assim, na primeira ocasião em que ele recusa a comida, você tira-lhe o bibeiro – não, você arranca-lhe o bibeiro – e coloca-o na cama. – Está resolvido! – você exclama, triunfante. (SCLAR, 1995, p. 40,41)

A reação do pai é de alguém que pensa que perdeu a autoridade e que, para recuperá-la acaba por tomar uma atitude punitiva em relação ao filho. Piaget (1978) denomina esta fase de anomia, e é caracterizada pelo egocentrismo da criança; elas ainda não têm consciência do que é certo ou errado, não entendem as regras que são estabelecidas pela sociedade, estando na faixa etária de um ano e meio; os vínculos afetivos com pais são intensos. O que o adulto não compreende, muitas vezes, é que a criança agora está numa nova fase da sua infância e que uma decisão até mesma estranha de parar de comer, reflete mais uma maneira de reivindicar liberdade e autonomia do que reduzir a autoridade paterna.

É consenso que a autonomia depende da diminuição da dependência dos pais (e outros adultos, como professores, por exemplo) e tem como ganho uma maior segurança em relação às próprias capacidades. Para que a criança se torne autônoma ela necessita ser autorizada por seus pais a crescer e se desenvolver, o que nem sempre é fácil.

Apenas uma criança autônoma aprende a fazer escolhas, avaliar os próprios desejos e sentimentos e traçar metas para alcançá-los. Junto com a autonomia, outras facetas da personalidade se desenvolvem, como a moralidade, e com ela os

conceitos de certo e errado, pois a autonomia traz consigo responsabilidades e com elas vêm os limites. A experiência infantil é sutil, pois o que a criança apreende o faz de corpo inteiro; de acordo com seus sentimentos, seus interesses, suas necessidades, nem sempre dominadas e controladas pelos adultos.

### 2.3.3 Pai participativo

A trama da crônica “A festinha do colégio” é ambientada fora da estrutura familiar. O espaço é um colégio onde é narrado não somente o comportamento do filho. Agora o menino assumiu uma nova identidade. Ele é um aluno, como vários outros da mesma idade, que participou de uma apresentação, motivo pelo qual gerou toda uma expectativa no pai. O narrador declara o quanto é importante essa festa para ele, talvez até mais do que para o filho:

Chega à tarde da festa. O início está marcado para as três, mas a uma você já está sentado na primeira fila do auditório do colégio, máquina fotográfica em punho. Sua mulher pergunta se você está nervoso. Que nada, você diz, e toma rapidamente dez comprimidos de Valim. (SCLIAR, 1995, p. 45)

Isso revela que a relação entre pai e filho se sobrepõe a outros tipos de relação. Chama atenção a forma como o cronista narra esta história. Ele utiliza inúmeras vezes o pronome “você”, dialogando diretamente com o leitor, como se estivesse escrevendo para um pai. Este, entretanto, não é qualquer tipo de pai, mas sim um pai participativo que vivencia todos os momentos do filho de forma intensa; tem consciência do que é importante para o filho também é importante para ele, até porque se trata especialmente de um pai-coruja.

E chega o momento culminante: seu filho vai cantar. Eu sou o bonequinho – começa ele, e para: esqueceu. Por incrível que pareça, esqueceu. Você se contorce na cadeira, angustiado – a vontade que você tinha era de pular para o palco: - Eu sou um bonequinho, minha gente! Eu é que sou um bonequinho! [...] Tudo que você consegue é assoprar para ele: tão engraçadinho. (SCLIAR, 1995, p. 45)

O espaço escolar é fundamental para o desenvolvimento da autonomia da criança, pois é um espaço que estimula o fazer e o agir, assim como ocorreu na passagem desse trecho, quando a personagem infantil foi estimulada a apresentar-se, junto com outros alunos, num processo de cooperação mútua. Aos poucos a criança vai conquistando sua autonomia, seu espaço social. Embora auxiliado pelo pai, podemos considerar que o menino conclui mais uma etapa de sua maturidade.

### 2.3.4 Poder da leitura

Na quarta crônica, nomeada “*A primeira Cartilha*”, o narrador lembra que um dos momentos inesquecíveis é quando ele ganha o primeiro livro. Este, pois, é apresentado como fonte de estímulo à autonomia intelectual da criança, pois sua leitura “exige esforço” (SCLIAR, 1995, p. 47), torna o sujeito ativo a todo processo de conhecimento. O primeiro livrinho, conforme o narrador tinha por nome “Queres ler?” indicando que se tratava de uma sugestão, justamente pelo fato de tentar atrair a criança à leitura. “Ler, não. Ler exige esforço. No mundo da leitura só entra pagando ingresso decodificando as letras transformá-las em imagens é uma arte” (SCLIAR, 1995, p. 47).

O narrador ainda aborda as mídias eletrônicas, característica da sociedade contemporânea, de modo que influencia negativamente a autonomia intelectual da criança: “Diante da TV se pode ficar passivo, absorvendo imagens e sons. A TV não indaga, ela se impõe. E pode se impor por causa da força de uma tecnologia que é absolutamente totalitária [...]” (SCLIAR, 1995, p. 47). O livro, pelo contrário, significa uma mudança total na posição da criança, que passa de um mero observador para um sujeito que age e participa ativamente da própria história.

Bem, mas não é isto o que importa. O que importa é que aquele era o nosso primeiro livro. O livro que carregávamos com orgulho em nossa pasta. E o que importa, também, é que esse livro, o livro que jamais esqueceríamos, tinha um nome provocadoramente amável: ele não ordenava, ele pergunta; ele não só perguntava, ele convidava. E não sei de que outra maneira se possa introduzir uma criança à leitura, se não através de um sedutor convite”. (Scliar, 1995, p.47)

A leitura é a principal ferramenta para formação intelectual dos indivíduos, transformando-os em cidadãos críticos e atuantes no seu meio social. Na escola, por exemplo, o aluno que tem hábito de leitura certamente terá autonomia para fazer as melhores escolhas, pois a leitura desenvolve habilidades e capacidades que caracterizam uma pessoa independente.

### 2.3.5 Diálogo

Na crônica “Diálogo”, tem-se a descrição de uma conversa entre uma criança e seu pai. E esta discursão gira em torno da existência de Deus. A narrativa começa com uma pergunta do menino: “Pai, Deus existe?” (SCLIAR, 1995, p. 48). Tal indagação causa uma surpresa ao pai que de imediato não consegue responder. O menino, insatisfeito, volta a questioná-lo: “Pai, eu perguntei se Deus existe”

(SCLIAR, 1995, p.48). Ele, pensando cautelosamente, responde que Deus existe para umas pessoas, para outras, não. O menino logo chega à conclusão que, para ele, Deus não existe, e para provar sua descrença, faz um pedido: “Deus, eu quero uma bicicleta nova. Agora” (SCLIAR, 1995, p.48).

Ao não ser atendido de imediato, reafirma a não existência divina. O homem, mesmo em situação complicada, tenta explicar que as coisas não acontecem daquela maneira e que as pessoas demoram certo tempo para obter o que querem. O garoto continuava convicto: “Deus não existe [...] não existe. Ou então está morto. Deus morreu, pai” (SCLIAR, 1995, p.48). A primeira parte da conversa termina com o cansaço do menino, o qual é pego nos braços pelo pai que o põe para dormir. O diálogo só tem seu final no dia seguinte quando a criança acorda e relata que, num sonho, estava cercado de inimigos que queriam lhe matar, sendo salvo, acredita ele, por um presente divino: uma metralhadora, quando foi possível eliminar todos os inimigos (SCLIAR, 1995). Enfim “o pai suspirou” (SCLIAR, 1995, p.50) e o garoto conseguiu acreditar na existência de Deus.

As crônicas em estudo acabam por dar foco ao fato de que se deve levar em consideração o controle externo ao mundo da criança, devendo ser usado de maneira consciente e não de maneira impulsiva e automática, de forma suficiente a garantir a obediência. Isso reforça a ideia de que:

Formar um sujeito autônomo é possível quando a autoridade adulta é diminuída e se desenvolve o respeito mútuo entre adulto-criança, criança-criança, possibilitando a construção dos valores morais a partir de discussões e de ações que considerem a opinião e respeitem o grupo a que ele pertence. Não há moralidade se o sujeito é egocêntrico e incapaz de se colocar no lugar do outro. Por isso a convivência em grupo, o trabalho cooperativo e as sanções por reciprocidades são as melhores formas para desenvolver a autonomia moral. (WERRI E RUIZ, 2001).

Neste sentido, tanto os pais quanto os professores devem compreender que são responsáveis por criar condições que propiciem o desenvolvimento da autonomia infantil, valorizando a convivência em grupo, e estimulando o trabalho cooperativo. O ambiente escolar também tem função imprescindível, já que se trata de um espaço que valoriza as formas descritas por Werri e Ruiz, as quais são possíveis o desenvolvimento da autonomia moral das crianças.

A ironia é parte constituinte desta quinta crônica, pois não se imagina que Deus possa deixar de atender o rapaz com uma bicicleta, mas seria capaz de premiá-lo com uma arma. Daí um quadro um tanto surreal para se criticar a

realidade, afinal o pedido direto não fora efetivado e a criança se deu por certo Deus não existir, mas no sonho, por compensar talvez seu desejo bélico, foi suficiente para ter crédito em Deus. Além do mais, percebe-se a dificuldade do pai de explicar algo que não pode ser visto ou tocado – abstração divina.

Tratar, por exemplo, das relações interpessoais que a criança estabelece no cotidiano, levando em consideração a construção de sua autonomia é muito importante para que nós adultos consigamos compreender melhor o universo infantil, a fim de que possamos lidar corretamente com certos comportamentos e atitudes que, a princípio, parecem inaceitáveis. Todos esses conflitos referentes à infância são abordados nas crônicas da seção *“momentos inesquecíveis”*. Com uma leitura curta, uma linguagem simples e temas que fazem parte de nossa realidade, os textos são bem atrativos, que podem ser uma porta de entrada para longas leituras, contribuindo, assim, para a formação do leitor. O professora, portanto, tem uma fonte literária riquíssima que pode utiliza-la como recurso didático em suas aulas.

### **3 Considerações finais**

Os episódios das crônicas da seção *“Momentos inesquecíveis”* têm demonstrado que a relação social é indispensável para a formação social da criança; e que a infância, por sua vez, é uma fase em que a criança luta automaticamente para conquistar certa liberdade, independência e autonomia. Nessa perspectiva, as crônicas em questão podem ser consideradas importantes instrumentos de leitura no sentido de problematizar questões do universo infantil, contribuindo para uma reflexão da formação social do indivíduo.

Assim, pensar que as crianças edificam seu mundo pequeno, enraizado em um mundo maior, dos adultos, pressupõe admitir a competência social das crianças e não considerá-las como seres incompletos e inacabados simplesmente. Para isso, implica na desconstrução e na reconstrução das relações sociais entre adultos e crianças tendo por foco a construção de relações mais atentas às capacidades e às potencialidades das crianças que, cotidianamente, convivem conosco em instituições de cuidado e educação.

É fundamental ainda o reconhecimento de que as crianças constroem um mundo cultural que lhes é próprio, num fecundo diálogo com a cultura e a sociedade

adultas com suas práticas, o que implica, ao menos, levar em consideração o ponto de vista infantil.

Ao retratar o cotidiano de uma criança, Scliar acaba por dar forma a uma obra literária marcada por aspectos relevantes, a exemplo do desenvolvimento da autonomia infantil, que é uma problemática direcionada para a discussão de uma coletividade, do público jovem e adulto.

Do ponto de vista educativo, nesse sentido, torna-se relevante para o professor fazer uso de textos literários em que a criança seja personagem de representação. A exemplo das crônicas aqui estudadas cujo gênero é muito atrativo por abordar temas do dia-a-dia, que estão muito próximo da realidade dos alunos. Além do mais, o professor pode trazer a tona um debate sobre as relações sociais, como visto neste trabalho, com intuito de contribuir para formação social.

A escola, portanto, deve ser um espaço para a promoção de uma educação voltada à valorização e o respeito às liberdades individuais; que estimule o debate em torno de questões sociais, uma vez que a mesma é parte do contexto. Dessa maneira, a literatura é um ótimo instrumento que pode ser utilizado em sala de aula e um meio pelo qual podemos compreender o universo infantil e os aspectos ligados à sua autonomia, seja na vida escolar ou no cotidiano familiar nas quais são estabelecidas as relações interpessoais.

## **ASPECTS OF CHILD AUTONOMY IN A COUNTRY CALLED CHILDHOOD**

### **ABSTRACT**

This article presents a discourse on the representation of the child in literature, but specifically related to aspects of the autonomy of the child present in the first five chronicles of the second section "unforgettable moments" in Moacyr Scliar's book *a country called childhood*, published in 1989. The objective is to analyze how the child character is represented during the narratives, taking into account affective feelings and conflicts that interfere in the school context and in the family relationship, especially between father and son. This is an analytical-interpretative study of the literary text whose bibliographic foundation counts on authors such as Piaget (1978), Nogueira and Pilão (1998), Zilberman (1998, 1987, 1985), Benjamin, (1984) and others. We note the discourse that, in childhood, subjects automatically fight for freedom, independence and autonomy. Thus, the reading of the chronicles around the representation of childhood ends up by guiding the reflection concerning certain questions with respect to the social formation of the individual. Reflecting on such representation contribute to the identification of literature from a more contextualized perspective, transforming, committed an educational action.

**Keywords:** Children's literature. Social relationships. Autonomy. Education

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi, 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. 108 Campinas; Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil teórica**. 9.ed. – São Paulo: Ática, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**; saberes necessários à prática educativa. Edição, 25 – São Paulo. 1996.
- MACHADO, Maria Zélia Versiani, Capítulo 7 referente ao livro de: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (organizadoras). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- MALLMANN. M.C.. **A literatura infantil no processo educacional**: Despertando os valores morais. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.
- MARAFON. **Educando a Criança com Paulo Freire**: Por uma Pedagogia da Educação Infantil – A Realização do Ser Mais. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. (Tese de Doutorado em Educação), 203 f. 2012.
- MOISÉS, Massaud. **A crônica**. In: A criação literária. São Paulo: Cultrix, 1984.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NOGUEIRA, Elite Jussara. PILÃO, Jussara Moreira. **O construtivismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (organizadoras). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. Porto: Rés Editora, 1978.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- SANTOS, Cássia Farias Oliveira. **Uma discursão sobre a literatura juvenil**. Estudos de Literatura, UFF, nº1, 2015.
- SCLIAR, Moacyr. **Um país chamado infância**, 19. ed. – São Paulo. 1995.

VIEIRA, L.A. **Formação do leitor**: a família em questão. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR, III, 2004, Belo Horizonte. III Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica, Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**/ Zilberman Regina – São Paulo: contexto, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura da pedagogia**. 6. ed. – São Paulo: Global, 1987.

WERRI, Ana Paula Salvador. RUIZ, Adriano Rodrigues. "Autonomia como objetivo na educação". In: **Revista Educação**. Ano I, n.º 02. Bimensal. Maringá (PR): UEM, julho de 2001.

ZILBERMAN, Regina. **Perspectiva**; Florianópolis, pg 98. 1985.